

**O REGISTRO FOTOGRÁFICO DE PRÁTICAS POPULARES E A  
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL NA CIDADE DE JUAZEIRO DA  
BAHIA**

*Aleida Oliveira de Carvalho*

Graduanda em Psicologia – UNIVASF

aleidacarvalho@hotmail.com

*Elson de Assis Rabelo*

Professor do Colegiado de Artes Visuais da UNIVASF

elson\_rabelo@hotmail.com

A fotografia surge, durante a Revolução Industrial, em meio a transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Com sua popularização, ainda no século XIX, emerge como possibilidade inovadora tanto de informação quanto de conhecimento, servindo também de apoio à pesquisa para distintas áreas e como forma de expressão artística. No entanto, só a partir do século XX a fotografia se firma como importante fonte de pesquisa social<sup>1</sup>.

Na contemporaneidade, vivemos em uma cultura visual, onde as imagens aparecem em todos os meios de circulação cultural, sejam eles veículo da mídia impressa, como fonte ou evidência de fatos e versões da história, ou como elemento da publicidade ou mesmo artefato afetivo íntimo e assim a fotografia, desde o século XX, vem ganhado um lugar de destaque na cultura visual.

Deste modo, o presente trabalho pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa em andamento em torno do acervo fotográfico da Gerência de Cultura de Juazeiro-BA. Composto em sua maioria por fotografias digitalizadas de distintos momentos históricos, o acervo possibilita investigar a construção da memória social referente às práticas culturais dessa região a partir dos artefatos visuais e dos regimes de visualidades neles implícitos.

Como foco de destaque, a pesquisa tem discutido sobre práticas e figuras populares registradas nos artefatos visuais, como o universo do trabalho – representado

pela comércio, pesca e pela navegação no rio São Francisco –, além do campo de atividades como os festejos carnavalescos, os cortejos religiosos entre outras datas comemorativas.

A pesquisa possui como metodologia uma etapa bibliográfica, com o intuito de ter como referência uma abordagem interdisciplinar da fotografia, concebendo-a como produto cultural e fonte histórica. A partir de uma abordagem histórica e semiótica da fotografia, esta é interpretada como resultado de um investimento social de produção de sentido, balizado por códigos culturalmente convencionalizados, carregando mensagens que se processam ao longo do tempo<sup>2</sup>.

Após essa etapa, está sendo realizada a catalogação e classificação de cada imagem por período, tema, origem e contexto social, para, em seguida, realizar sua análise técnica e estética, considerando os elementos visuais que fazem parte das fotografias e como as práticas populares são representadas visualmente, terminando por entrar na construção da memória social dessa Região. No entanto, por se tratar de imagens antigas, com problemas de conservação, e estarem dispersas num acervo digitalizado, algumas referências nos faltam, como o período/datas específicas e contexto de origem para além dos detalhes de seu conteúdo.

Para o presente texto, lançaremos mão de algumas fotografias selecionadas para indicar como temos percebido a posição que a fotografia se coloca entre o atual e o vivido nas práticas populares de Juazeiro e como essa mediação se configura em memória social.

Começemos, pois, o exercício de análise, pela Fotografia 1, abaixo. Ela está em colorido, está na posição horizontal, tendo sido feita durante o dia. É composta por dois planos, ambos com nitidez e em foco, apresenta contrastes bem definidos. O enquadramento é central. Em relação à conservação da foto, esta apresenta apenas um pequeno risco verde na borda superior, mas não está posto sobre nenhum elemento da imagem.

Esta fotografia retrata uma data comemorativa, provavelmente o dia das crianças, a acreditarmos no registro escrito ao lado, que diz “OUT 77”. Foi retirada no centro de Juazeiro, onde atualmente se encontra a Avenida Santos Dumont, paralela à ponte. Seu enfoque principal é o primeiro plano, onde constam crianças e adultos

empinando pipas.



Fotografia 1 (Fonte: Acervo da Gerência de Cultura de Juazeiro-BA)

A escolha do ângulo amplo para esta fotografia nos permite perceber o registro deliberado do número máximo de pessoas possível, mostrando que o evento mobilizou a cidade, e contou com um grande número de público. Considera-se, portanto que esta fotografia se mostra como registro mnemônico de um momento expressivo de envolvimento social entorno de uma data que compartilha sentidos construídos coletivamente, sendo que estes ao mesmo tempo validam e constitui essa prática popular. Em outras palavras, como coloca Canclini (2003, p. 219), “os rituais são o domínio no qual cada sociedade manifesta o que deseja situar como perene ou eterno”. Longe de parecer uma manifestação pura e espontânea do “povo”, a festa se apresenta como troca múltipla entre estratos sociais diferentes, momento de hibridismos entre elementos culturais e significados diferentes.

Além disso, o conjunto da imagem nos remete ao conceito da materialidade passada da fotografia, pois os objetos (os carros: o Fusca, o Chevette, a Kombi, a Brasília), o vestuário (calças, camisas, vestidos), a infra-estrutura de Juazeiro, presentes na imagem remetem a esse período do final dos anos 1970, segundo os padrões de

consumo dos automóveis e os códigos de vestimenta daquela época, aspectos históricos destacados pela fotografia e que evocam a memória cultural e social para além do evento em foco.

Por se tratar de uma fotografia flagrante, é possível apreender a dinâmica do evento, onde pessoas de diversos segmentos sociais se relacionam aparentemente sem nenhum conflito. Um elemento que elucida isto muito bem é o simples fato da diferença do material utilizado nas confecções das pipas/papagaios, algumas são de papel seda, com arestas de madeira leve, enquanto outras são confeccionadas com sacolas, comumente encontradas em supermercado, o que nos permite dizer que os sentidos atribuídos a essa prática popular se constitui num processo híbrido, contendo elementos de distintas classes, não pertencendo apenas aos seguimentos populares.



Fotografia 2 (Fonte: Acervo da Gerência de Cultura de Juazeiro-BA)

A Fotografia 2, em preto e branco, na horizontal, contém três planos e o enquadramento é central. Apenas os dois primeiros planos apresentam nitidez, no entanto, as linhas são bem definidas e a iluminação é clara com pouca sombra. Apresenta algumas manchas e pontos escuros nas laterais e na borda superior, na lateral

esquerda falta um pequeno pedaço da imagem.

A cena retratada se refere à dinâmica comercial do Cais de Juazeiro. Nesta época, na primeira metade do século XX, ainda não existia a ponte Presidente Dutra, que liga Juazeiro à cidade de Petrolina, no estado do Pernambuco. Período esse, em que o Cais tinha uma intensa movimentação, devido ao transporte fluvial ser mais viável e rápido, facilitando a manutenção do comércio. As atividades econômicas (navegação a vapor, comércio) e os espaços (rio, cais, rua, margens) por vezes entram como tema privilegiado na composição por se tratar de um período marcado em que essas práticas sociais eram preponderantes no cotidiano de Juazeiro.

O modo como essa imagem representa o universo do trabalho, há mais de cinquenta anos atrás, permite a busca para compreender sob que códigos culturais e de representação, as figuras e práticas populares eram fotografadas, bem como esses registros narram a historicidade dessas práticas até a contemporaneidade. Algumas outras fotografias disponíveis na pesquisa abrem espaço para análise em *séries* fotográficas, que possibilitam abordar essas imagens enquanto narrativas visuais.

Deste modo, tais séries – que consistem em conjunto de imagens do mesmo período ou períodos aproximados, abordando um mesmo tema e espaço geográfico, com a finalidade de descobrir as marcas da transitoriedade temporal que podem tanto se fixar como se apagar na memória – é possível captar as mudanças que a fotografia consegue registrar, apreender, por exemplo, esses diferentes momentos “antes e após a ponte”, as práticas e dinâmicas culturais do Cais de Juazeiro, construindo assim uma narrativa, que dê suporte a compreensão dessas memórias e da sua historicidade.

Ao lado do universo do trabalho e de momentos comemorativos percebe-se através das suas figuras e personagens, a encenação visual do popular a partir de interesses e códigos a serem desvendados, como o lugar do fotógrafo, se jornalista, preocupado em mostrar práticas econômicas locais, ou se funcionário de instituições públicas, querendo mostrar as atividades de construção civil das praças, a fim de enfatizar a realização de obras públicas.

A partir de outras imagens, contidas nas séries na qual a Fotografia 2 se encontra, é possível perceber que mesmo com o desenvolvimento da região, neste caso fortemente marcado pela construção da ponte que viria ocorrer anos mais tarde, que as práticas e

culturas populares, não são suprimidas, mas sim se transformam e se adequam a esse processo.

O que se pôde concluir está relacionado ao lugar privilegiado que a fotografia tem dentro do campo de visualidade da experiência social de Juazeiro. Essas fotografias fazem parte de uma prática cultural que funciona como mediadora, no processo de construção da memória social, ao tempo que reúne a partir desses registros a expressão do popular e sinaliza que este se configura como construção social.

## Notas

---

<sup>1</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>2</sup> MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes*. Ensaios sobre história e fotografias. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

## Referências Bibliográficas:

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes*. Ensaios sobre história e fotografias. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

\_\_\_\_\_. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan-jun. 2005.